

Técnicas Corporais na Arte da Dança

Maria José Fazenda

No âmbito de uma Antropologia da Dança, o objecto corpo abre uma rúbrica temática cujo estudo aponta para múltiplas vias possíveis.

Para além das marcas permanentes, temporárias ou efémeras sobre o corpo - as tatuagens, a pintura, a maquilhagem - dos envoltivos do corpo - a indumentária, as máscaras, os adornos -, do corpo perfurado ou seccionado, do corpo como possibilidade de ficções metamórficas como as de Kafka ou do "cinema fantástico", do corpo objecto de múltiplos discursos, exegeses e representações simbólicas, da projecção gestual do corpo, penso no corpo construído, configurado, modelado, marcado para um fim, no corpo simultaneamente instrumento e objecto, penso, portanto, nas técnicas corporais.

Quando Marcel Mauss afirma que "o corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem, é o primeiro e mais natural objecto e meio técnico do homem"(1), ele definitivamente concebe e anuncia a possibilidade de um particular discurso sobre o corpo, discurso que a categoria "Técnica do Corpo" intitula.

As técnicas corporais, tal como Marcel Mauss as define, são as formas como o homem se serve do seu corpo e o especificam para determinado fim. São "actos de ordem mecânica, física e psico-química" que se materializam em formas corpóreas dinâmicas, em gestos específicos. Estes actos pressupõem antes uma montagem, uma construção ditada do exterior que o indivíduo assimila, ou melhor, que o corpo receptor apreende e memoriza através da imitação, da educação ou de uma rigorosa aprendizagem e treino.

Corpo arquitectado a partir de um duplo projecto: vocação ou finalidade - nível das diferentes técnicas corporais -; regras, valores estéticos e estilos - nível dos diferentes contextos culturais.

Num jogo de acções - acção sobre o corpo (interiorização de um acto que se impõe de fora), acção da cultura e inscrição do indivíduo nessa cultura partilhada, acção do corpo (exteriorização de um acto) - as técnicas corporais determinam uma experiência corpórea que se inicia, se desenrola e se finda no próprio corpo, e dotam-no de uma habilidade, virtuosidade e eficácia gestual finalista não só física, mas também simbólica.

Perfilhando a tipologia das técnicas corporais que Eugenio Barba estabelece, distinguem-se, numa cultura, por um lado as técnicas quotidianas de uso do corpo

e, por outro, as técnicas extra-quotidianas, isto é, "as técnicas que não respeitam os condicionamentos habituais da utilização do corpo."⁽²⁾

Na ritualidade da vida quotidiana inscrevem-se numerosos actos e técnicas corporais para as quais Mauss propõe dois tipos de classificação: uma classificação por sexo, por idade, por rendimento e pela natureza da sua aprendizagem; e uma "enumeração biográfica" que segue o percurso da vida dum homem. Aparecem assim as técnicas do nascimento, da infância, da adolescência e da idade adulta, estas últimas necessitando de uma subdivisão de que são exemplos as técnicas de andar, de correr, de comer, de beber, de repouso e de sono. São técnicas que realizam movimentos, gestos, atitudes e posturas. São "habitus" adquiridos pela aprendizagem, cuja forma, e sem negligenciar a variação individual, varia sobretudo de cultura para cultura. Corpo educado, disciplinado, endoculturalizado.

Para além destas formas de como o indivíduo se serve do seu corpo no quotidiano, destes hábitos motores, e porque inscritos numa memória, o indivíduo executa sem ter consciência de como o faz, há ainda outros níveis de técnicas corporais que implicam um domínio particular do corpo. Este é o universo das técnicas corporais extra-quotidianas, técnicas de "amplificação" como lhes chama Grotowski (3). Tais são as técnicas gestuais do xaman, do mágico, do actor ou as técnicas desportivas.

Apanágio de certos especialistas que cultivam uma grande virtuosidade são as técnicas corporais que veiculam uma excêntrica e insólita manipulação do corpo. Refiro-me por exemplo às proezas dos contorcionistas, dos equilibristas ou à virtuosidade e destreza no manusear do corpo dos bailarinos acrobatas do bailado clássico, da Ópera de Pequim ou do Kabuki, ou ainda de algumas danças africanas.

A dança é outro continente de técnicas corporais. Quanto às técnicas da dança Marcel Mauss coloca-se na categoria intitulada "técnicas de actividade e de movimento", ao lado de técnicas quotidianas como a marcha ou a corrida, admitindo Mauss a divisão, que o consagrado historiador Curt Sachs (4) estabelece entre danças de repouso e danças de acção. Porém, esta é uma tipologia que diz respeito não à técnica, mas à qualidade do movimento. Diríamos que, mais do que técnicas de movimento, as técnicas da dança são técnicas extra-quotidianas, amplificadoras do habitual e utilitário movimento do corpo, adquiridas por uma aprendizagem formal, por um treino objectivado, por um tratamento extraordinário do corpo. Corpo que se forma deformando.

As técnicas da Dança Clássica moldam o corpo de acordo com um arquétipo ideal: corpo extensível, alongado, vertical, corpo projectado para o exterior e para o alto. Ilusória ascensão que o artifício das sapatilhas de pontas, coladas ao corpo como se dele fizessem parte, ampliam. Representação corpórea do etéreo, do inatingível, que o Bailado Romântico elevou.

As técnicas da Dança Moderna rompem com o privilégio da verticalidade. Assiste-se agora a uma outra visão do corpo: corpo que pode contrair-se, que se torce, que se dobra e redobra, que toca e utiliza o chão, que se articula também na horizontal. No permanente equilíbrio da verticalidade introduz-se também a possibilidade do desequilíbrio. Aos desenhos rectilíneos e sinuosamente arredondados, acrescentam-se as for-

mas côncavas e convexas, as linhas oblíquas, circulares e as espirais. As técnicas da Dança Moderna exploram as possibilidades articulatórias e digitais do corpo. Formas que se transformam noutras diversas: corpo próximo da metamorfose.

Metamórfico é o corpo na Dança Buto. Corpo que, contrariamente à extensão e ao "en dehors" da dança ocidental, se fecha sobre si e adquire posições "en dedans", ombros encolhidos e pernas arqueadas: arquétipos de Buto, dança que privilegia o baixo, o chão, e quando se ergue é para que de novo desça à terra. Corpos em permanentes metamorfoses, "corpos encarquelhados, meio símios, meio répteis, sempre perto do solo, mantidos por uma energia feroz, flexíveis, desumanos, canibais." (5)

Metamórficos são também os corpos nas danças "miméticas, que concretizam o aspecto de uma coisa, de um animal ou de um outro ser e que destes tomam a forma. Ou ainda as transformações e o estrebuchar do corpo nas danças de possessão que se crê serem provocadas por manifestações do sobrenatural.

Na dança o corpo é um reservatório de códigos de sentido, é o simbólico e o imaginário tornados movimento, inscritos numa forma transitória, efémera. A este corpo as técnicas da dança são o meio, e não o fim, para lhe proporcionar a habilidade, a destreza, a eficácia no articular de tal linguagem investida de sentido.

Formas incorporadas, investidas de sentido, o corpo na dança reserva em si uma íntima e cúmplice relação com a forma como o corpo se apresenta no quotidiano e com a cultura que o produziu. O corpo é uma configuração projectada e influenciada pela cultura. É um objecto "fabricado pela comunidade particular, como projecção social e cultural" (6) e de que a sua componente biológica não é senão a base ou o suporte.

Dentro da proposta de Lévi-Strauss no sentido da construção de um "inventário de todas as possibilidades do corpo humano e dos métodos de aprendizagem e exercício empregues para a montagem de cada técnica (7), uma transcultural descrição e contextualização de cada técnica de dança informar-nos-ia acerca da cultura que a construiu.

Notas

(1) MAUSS, Marcel - "Les Techniques du Corps", in *Sociologie et Anthropologie*, P.U.F., Paris, 1983, p. 372.

(2) BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola - *Anatomie de L'Acteur. Un dictionnaire d' anthropologie théâtrale*, Bouffonneries Contrastes, Gazilhac, 1985, p. 6.

(3) idem, p. 129.

(4) SACHS, Curt - *World History of the Dance*, Norton Library, Nova York, 1963, traduzido do original alemão, *Weltgeschichte des Tanzes*, Berlim, 1933.

(5) BAUDRILLAR, Jean - "Le Théâtre de la Révulsion", in *Scenes, Revue de l'Espace Kiron*, nx 1, Março, 1985, p. 40.

(6) BRETON, David Le - *Corps et Sociétés*, Libraires des Méridiens, Paris, 1985, p. 15.

(7) LÉVI-STRAUSS, Claude - "Introduction à l'Oeuvre de Marcel Mauss", in MAUSS, Marcel, op. cit., p. XIII.